

Astrid Cabral

# INTRAMUROS

2ª edição

**VALER**  
EDITORA

Os antigos rapazes do Clube da Madrugada reivindicavam para Astrid Cabral o título de primeira mulher a pertencer às hostes da agremiação. Custa a crer que isso tenha acontecido. Na Manaus daqueles tempos – e longe se vão os anos de 1950 –, moças de bem não se metiam nisso. Astrid pertencia à categoria de pessoas que não se misturavam com boêmios sem arcar com as consequências de ficarem malvistas entre os seus. Os antepassados da moça, oriundos da mais elegante elite intelectual da terra, jamais permitiriam tal escândalo. Foi então que Astrid se converteu na musa dos poetas do Clube. Bela e inteligente, precoce em suas atividades artísticas na produção de textos e na declamação de poemas, a demonstrar simpatia pelas novas correntes estéticas, seu renome ganhou as rodas literárias da cidade e os jovens aedos da madrugada a elegeram como primeira mulher a pertencer ao Clube.

Sim, ela integrou-se ao Movimento Madrugada por meio da sua confissão artística, mas sem se afundar nas noites da boemia. Fascinava-a o fenômeno cultural que se manifestou em Manaus como produto do esforço criador daqueles jovens idealistas. Eles desejavam renovar a linguagem e a expressão das formas de arte na poesia, na literatura, nas artes plásticas, na música, no teatro, na dança, no cinema, e no estudo das ciências sociais, como Economia, a Sociologia e a Política. Em verdade ela foi a musa de todos até o dia em que o poeta goiano Afonso Félix de Sousa a prendeu na gaiola do seu coração e a arrebatou das árvores e dos rios da Amazônia. Não, não arrebatou, não, porque Astrid estava comprometida com o visgo da terra e não

## INTRAMUROS

Ao querido poeta Joaze  
Feitosa, com o saudoso  
abraço de sua amiga

Astrid  
Rio, 25.07.2011

Copyright © Astrid Cabral, 2011

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

CAPA

Mariana Félix

PROJETO GRÁFICO

Lucas Terço

REVISÃO

Núcleo de editoração Valer

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

---

C224i Cabral, Astrid.

Intramuros. / Astrid Cabral. 2.ª ed. revista. – Manaus: Editora Valer, 2011.

114 p.

ISBN 978-85-7512-291-4

1. Literatura brasileira (Amazonas) – poesia I. Título.

CDU 82.1(811.3)

---

2011

Editora Valer

Av. Ramos Ferreira, 1.195 – Centro

69010-120 – Manaus – AM

Fone: (92) 3635-1324

www.editoravaler.com.br

ASTRID CABRAL


# INTRAMUROS

2.<sup>a</sup> edição revista pela autora

*Prêmio Nacional de Poesia Helena Kolody – 1997*

**VALER**  
EDITORA





*Àquelas companheiras  
que põem a mão na massa  
do pão e da palavra.*





## SUMÁRIO

*Intramuros* – As palavras essenciais – Fausto Cunha.....11

INTRAMUROS.....19

Portal do dia....21

Xícara....22

Sanduíche matinal....23

Epifania....24

Jogo de casa....25

A pedra do Rio Verde....26

A cacimba no quintal....27

Amendoeira....28

Piscina....29

Sal....30

Ovo estrelado....31

Comunhão....32

Natureza morta....33

Feira....35

Buffet miniatura....36

Metamorfose....37

Divisão....38

Glosando minha avó....39

Demolição.... 41  
Ciclo.... 42  
Ventiladores.... 43  
Crochet.... 44  
Parque dos tecidos.... 45  
Ritual de partida.... 47  
Périplo próximo.... 49  
Danúbio.... 51

### JAULA..... 53

A fera.... 55  
Cão bifronte.... 56  
Onça sem pelo.... 57  
Canto de cisne.... 59  
Bicho-de-sete-cabeças.... 60  
Três cavalos-marinhos.... 61  
Nome aos bois.... 62  
Baleia albina.... 64  
Reordenação do mundo.... 67

### EXTRAMUROS..... 69

Rastros do paraíso.... 71  
Painas plumas.... 72  
Luziânia revisitada.... 73  
Miniatura colonial.... 74  
Aurora em Alto-Paraíso.... 75  
Natureza viva.... 76

Velório vermelho....	77
Catedral de bambu....	78
Postais sul-americanos....	79
Postais de Paris....	83
Roma sob pólen....	91

NOTA BIOGRÁFICA.....	109
----------------------	-----

Nota do Editor: *Foram acrescentados à presente edição 25 poemas inéditos: em Intramuros, “Natureza morta 5” e “Danúbio”; em Extramuros, “Postal sul-americano 9” e “Postais de Paris 13 e 15”, e a série “Roma sob pólen”.*



## INTRAMUROS – AS PALAVRAS ESSENCIAIS

Fausto Cunha\*

“A menor natureza morta é uma paisagem metafísica”, escreve o poeta Francis Ponge. Talvez porque o homem, de algum modo, *sobra* dentro da natureza e passa a vida inteira procurando o lugar de seu repouso, de sua morte. Daí que “o menor arranjo de coisas, no menor fragmento de espaço, o fascina” como prenúncio de seu destino.

É toda uma bela página inspirada nas telas de Chardin, tido como o grande pintor francês da realidade no século XVIII. Ponge quer, também, ser o poeta do mundo real, do mundo das coisas e dos objetos, quer apreender e transportar, com os recursos da linguagem, “a realidade material” desse mundo de pedras, plantas, frutos e até do sabão e da ostra. Tira das amoras uma arte poética. Sua poesia situa-se dentro da fenomenologia da natureza, que vem de Jean-Paul Sartre, seu grande admirador, e Sartre por sua vez entende a metafísica no sentido que lhe dá a fenomenologia de Husserl e de Heidegger.

Fenomenologia é bem a palavra-chave para ingressar no universo poético de Astrid Cabral e captar o que, nela, é uma visão própria da realidade. Devemos essa percepção, desde o pri-

---

\* Fausto Cunha (1923-2004). Renomado crítico, ensaísta e ficcionista pernambucano, radicado no Rio de Janeiro. Autor de importante obra literária, notável por sua agudeza de pensamento, erudição e pioneirismo na *science-fiction* brasileira.

meiro instante, a outra poeta de altíssimo plano, Lélia Coelho Frota, no estudo introdutório que escreveu para o livro de estreia, na poesia, de Astrid Cabral, *Ponto de cruz* (1979). Sua leitura, que é também uma lição de crítica poética, estabelece com nitidez “as duas forças imaginantes – a do conceito intelectual e a da matéria imediata –” que na poesia de Astrid Cabral se contrapõem “harmoniosamente, revelando a um tempo as vertentes filosófica e instintiva de seu *eros* e de seu pensamento”. Faz uma aproximação com Ungaretti através da fenomenologia, para nos deixar compreender melhor esse “entrelaçamento de filosofia e poesia”. E completa, com o conhecimento e a vivência de quem exerce e domina o fazer poético: “Só a palavra poética pode mensurar a distância entre o existir e a extinção”. Ponge. Ungaretti. Astrid:

O ventre  
O berço  
O voador  
O velocípede  
A bicicleta  
A moto  
O automóvel  
A maca  
O caixão  
O chão.  
(“Ciclo”)

Sem adjetivos.

O mundo real permeia a obra de Astrid Cabral desde os contos de *Alameda* (1963). À visão lírica, à contemplação da natureza, legítimas quanto sejam como fonte de poesia, ela prefere o olhar atento e minucioso para romper a casca da aparência sob a qual tudo se esconde, desentranhar das coisas e dos

objetos, até mesmo dos seres, uma relação não meramente afetiva e, sim, de coexistência, sem temer o conflito.

Eis o tom rude da demolição:

*Desmorono o império doméstico  
trono onde se acasalam as coisas  
sacralizadas em hieráticos nichos.*

Mas ela pensa também como O. A. de L. – Milosz (tão caro a Bachelard): é necessário conhecer “os objetos designados por certas palavras essenciais, tais como pão, sal, sangue, sol, terra, água, luz, trevas, assim como todos os nomes de metais”. Foi Milosz quem disse: “Somos feitos de argila e de lágrimas” e a poesia de Astrid Cabral denota uma viva consciência dessa origem. Assim, ela permite que confluam e se conciliem duas linhas aparentemente distintas como são a fenomenologia do mundo real e o conhecimento dos arquétipos. A própria Astrid Cabral já confessava em *Ponto de cruz*: “a eternidade dos metais / me assusta e desafia” (“Eternos metais”).

Neste livro de maturidade que é *Intramuros*, a poeta, dentro da organicidade que há na sua obra, encontra o ponto de equilíbrio entre essas duas linhas:

*No céu do prato  
um sol me olha  
com olho de ouro.*  
 (“Ovo estrelado”)

ou em “Natureza morta”:

*Réplica da terra  
a laranja é síntese*

*do redondo infindo.  
Sol líquido embalado  
para a sede do homem.*

Talvez se encontre em “Sal” o exemplo mais expressivo:

*Sal*

*Sólido instante  
do líquido parêntese  
entre oceano e água  
ao sol no tanque*

*Sal*

*Num gesto te devolvo  
à água original  
e no sangue te absorvo  
em líquido lance*

A escolha é intencional a fim de chamar a atenção do leitor para uma delicada aliteração que sugere a passagem de sal a sol a sangue.

Ainda uma palavra sobre a maneira como Astrid Cabral entra em contacto com esse “pequeno mundo”. Sua sensibilidade não é uma via de escape, está aberta, e mesmo receptiva, a todas as sensações; pode ser lírica: “Debulho feijões de corda / como quem debulha auroras” ou prosaica: “Feira”; de um descritivo lúdico, “Buffet miniatura” ou de um súbito achado poético: (a pinha): “verdes escamas / se abrindo / em sorriso: / alvos dentes doces” (“Natureza morta”).

“Jogo de casa” será talvez, dentro dessa primeira parte de *Intramuros*, a pedra de toque, e sobre ela a própria Astrid Cabral poderia evocar o poeta de *Charmes*: “Je compose en esprit...” – embora não sob os mirtos, emblema da glória, mas “sob te-



lhas”. É uma longa enumeração (e esta é em si uma figura de pensamento), disposta em dísticos entremeados por um mote ou refrão e obedecendo a um esquema de rimas em que predominam aliterações e homofonias, além de um ritmo marcado visualmente por uma certa distância entre os vocábulos, distância também no mundo real. Persiste no poema a impressão de um todo coeso, em que as coisas e os eventos se relacionam intimamente. Se em “Ciclo” nos é dada uma biografia em que a cronologia entre princípio e fim está referida a objetos, em “Jogo de casa” (que antecede no livro) tudo se passa como num inventário lido um pouco sardonicamente, até o dístico final, em que todo esse mundo material mostra a sua face e chega ao seu destino. Astrid Cabral não postula uma simples nulificação do presente, porque o presente, mais que o passado vivido ou a memória, é sua matéria e há na sua obra um permanente sentido de presença. Ela não assiste, ela se integra no momento que passa. Nem estamos, em “Jogo de casa”, diante de um sentimento de temporalidade, desse *ubi sunt* que indagará mais adiante.

Os três poemas que abrem a segunda parte, “Jaula”, levam títulos emblemáticos. Como tais, não se propõem a ocultar o pensamento poético, e, sim, a iluminá-lo, no amplo sentido que tem o verbo, mas sem perda de uma interioridade que está na condição do poema. São animais interiores, não, porém, da categoria metafísica, como alguns incluídos por Jorge Luis Borges na sua zoologia fantástica. Lembrar que William Blake inseriu seu “The tyger” nas *Songs of experience*.

De outra natureza é o “Bicho-de-sete-cabeças” que, sem se confundir com as “feras”, também não corre na matilha dos cachorros que “uivam em horas de raiva / contra as jaulas da cortesia / e as coleiras do bom senso” (em *Lição de Alice*, 1986). É um dos melhores poemas de Astrid Cabral, com seu

expressivo fecho quase aforístico: “Todo bicho fica meigo. / É só botar no colo”.

“Três cavalos-marinhos” nos traz de volta à proposição inicial, a fusão entre poesia e filosofia. Uma e outra são necessárias à contingência da natureza humana – alguém já disse que o poeta é um caso extremo. E a “Baleia albina”? Em “Jaula” parece uma composição isolada, fora de seu mundo próprio, por isso que se desprende para uma dicção nova, essa talvez de um imagismo na verdadeira era da imagem, dando corpo atual à proposta dos primeiros imagistas, de uma poesia sem romantismo em que o poeta escolhe “palavras concretas” para apresentar “imagens visuais”. Na tevê, a baleia é simultaneamente sua realidade e sua imagem, imaterial. O poema não está fora, é certo, do denso território poético de Astrid Cabral, cuja obra sobressai pela riqueza temático-formal e pelo domínio da expressão, um vocabulário cheio de nuances, preciso e pessoal, por vezes surpreendente, uma obra enraizada que se nutre de motivos do mundo sensível. Daí que permanece aberta à criação.

Ela é um ser que se move dentro da poesia. Mais uma vez podemos vê-lo já na terceira parte do livro, “Extramuros”, onde novamente o mundo real dita a sua presença. Em “Natureza viva” e “Velório vermelho”, duas composições finamente trabalhadas, estamos – como pedia Valéry, para quem o poema “deve ser uma festa do intelecto” – diante da participação dos recursos sugestivos da linguagem, que vão da musicalidade aos cromatismos, das aliteraões às onomatopeias. De modo singular, “Velório vermelho” nos manda de volta a Francis Ponge, agora em frente de uma natureza viva, a mimosa com seus glóbulos de ouro.

Nessa poesia sem telhas e sem grades (em “Miniatura colonial” as telhas curvas são “canoas de borco”, são “ondas” pa-

ra as pombas marinhas) cabem o tom elegíaco de “Luziânia revisitada” (A sorte é que ainda me lembro, / ainda me lembro de como era antes”) e a percepção dos seres e das coisas nos “Postais”. Nunca é um registro imóvel; de maneira às vezes imprevisível a poeta, como todo artista, acrescenta um pouco de si à paisagem, ao cenário.

Esse um pouco de si, para Astrid Cabral, significa uma entrega total à poesia.



The background of the page is a vertical strip of marbled paper with a complex, organic pattern of dark brown and grey veins on a light cream-colored base. The pattern resembles natural stone or aged parchment. The word "INTRAMUROS" is centered horizontally and vertically on this strip.

INTRAMUROS



## PORTAL DO DIA

Trapos da noite nas pálpebras  
levo à mesa do café  
a ressaca da insônia  
e apática me defronto  
com a ágil apressada manhã  
de xícaras tilintantes.  
Que fazem aqui as laranjas  
emigradas das árvores?  
Bem estariam nos galhos  
escuros da madrugada  
em vez do agressivo prato  
de onde me encaram furtivas.  
O cheiro do café chega  
saudando-me sem palavras.  
Que dia pois será esse  
chamando-me implacável  
a cumprir seu torvelinho  
quando a noite ainda me cobra  
altos tributos de sombra?  
Azul, no bule de louça  
o pássaro imóvel e mudo  
revela-me a ironia  
do ser exilado do real  
enquanto ébria da véspera  
vacilo ao portal do dia.

## XÍCARA

A xícara de louça  
aparentemente muda  
me fala de horários  
chás cafés chocolates  
itinerários de bocas  
rituais de doação  
em festas ou rotinas  
exemplos de serviço  
sabedoria de medidas.  
Doméstica andeja  
a xícara de louça  
no chão da bandeja  
andarilha entre  
armário mesa pia  
encenando sutil  
a cerimônia do dia.



## SANDUÍCHE MATINAL

Mastigam-se ao café  
entre fatias torradas  
jornais com pingos de sangue  
jornais com furos de bala.  
No portal da manhã  
o sinistro sanduíche  
energiza os transeuntes do dia.  
(Engavetado o remorso  
dos crimes bem menores)  
Omissões? traições? covardias?  
Transgressões mínimas.  
Todos, subitamente, melhores.

## EPIFANIA

Supunha a luta de classes  
a disputa pelo poder  
assunto para alta esfera  
algo da alçada de chefes  
ou meta de exércitos...  
até que ela me disse:  
– A senhora pediu peixe  
achei melhor assar carne,  
ó, tome o talão do açougue  
veja bem quanto me deve.  
A partir daí descobri  
a estratégia da política  
na exígua linde doméstica.  
Comecei a ver guerras  
até no vaivém das formigas  
nos azulejos da cozinha.

## JOGO DE CASA

Sob telhas

centelhas fagulhas borralho  
olhos-d'água água na talha

Sob telhas

galhos alhos coalhos  
molhos repolhos toalhas

Sob telhas

agulhas retalhos  
malhas fitilhos ilhoses

Sob telhas

rodilhas presilhas  
palmilhas sapatilhas

Sob telhas

mulheres abelhas  
colheres talheres

Sob telhas

parelhas filhos filhas  
espelhos ilhas

Sob telhas

armadilhas navalhas  
batalhas partilhas mortalhas

## A PEDRA DO RIO VERDE

*A José Godoy Garcia, perito em pedras e poesia.*

A pedra do Rio Verde  
gera um rio em minha casa  
fluindo subterrâneo  
sob o tapete da sala.  
A pedra do Rio Verde  
zomba das seis torneiras  
cuspindo miúdas águas  
na louça dos lavabos.  
A pedra do Rio Verde  
ri do ínfimo território  
onde presa não me espraio.  
Ri das janelas fechadas  
minha defesa da chuva.  
A pedra do Rio Verde  
tem dó dos tinhorões  
ali no exílio dos vasos.  
Despreza o ventilador  
a miséria do seu vento.  
Destrona os vários relógios  
tão levianos com o tempo.  
A pedra do Rio Verde  
quebra a madeira das portas  
e na mãe terra, de volta,  
me recoloca liberta.

## A CACIMBA NO QUINTAL

Repara a cacimba:  
miniatura de lago  
poço abreviado  
espelho cuja fundura  
se penetra o avesso.  
A cacimba mina, chora  
vagarosa, discreta.  
Flui feita a vida  
e modesta sequestra  
a nuvem lá de cima.

## AMENDOEIRA

A ruiva amendoeira  
expõe as folhas feridas  
sobre o azul sereno.  
Bordado de besouro?  
Fome de alguma formiga?  
Rastro de gota de chuva?  
É o que menos importa  
quando o olhar atravessa  
a renda das órbitas nuas.  
As chagas consanguíneas  
às folhas em carne viva  
remetem a outras feridas.

## PISCINA

As crianças se lançam  
no líquido retângulo  
– simulacro de lago  
rio de quatro margens.  
mar domesticado –  
Camarões rosados de sol  
deleitam-se ensaiando  
a pele dos peixes  
e o balé das baleias.  
Sonham a pré-história anfíbia.  
Deitam-se sob a colcha das águas  
regressando à bolsa das mães.

## SAL

Sal

sólido instante  
do líquido parêntese  
entre oceano e água  
ao sol no tanque.

Sal

num gesto te devolvo  
à água original  
e no sangue te absorvo  
em líquido lance.



## OVO ESTRELADO

*A Lina Tâmega Peixoto*

Do céu do prato  
um sol me olha  
com olho de ouro.

É quando entalo  
de cara a cara  
com o nunca pássaro.

É quando engasgo  
lembrando em mágoa  
o canto náufrago.

## COMUNHÃO

Debulho feijões de corda  
como quem debulha auroras.

As vagens entre meus dedos  
outras falanges mais finas.

Terra sol chuvisco lua  
no verde ambíguo distingo.

Sinto a seiva das neblinas  
toco a saliva do orvalho.

Penso no abismo da queda  
entre paisagem e panela.

Caninos trincando auroras  
antecipo a comunhão.

## NATUREZA MORTA

1. Réplica da terra  
a laranja é síntese  
do redondo infindo.  
Sol líquido embalado  
para a sede do homem.
2. Cabeça de folhas  
cujas línguas úmidas  
de orvalho saliva  
convidam o apetite  
a improvisar jardins  
nas toalhas.  
A alface floresce  
prece de paz  
o fino leite do talo  
amamentando a calma.
3. Ao partir o mamão  
revela-se a estrela:  
pentágono encravado  
na aurora da polpa.  
A caverna constelada  
de pevides não brilha.  
Atesta em sombra  
o cósmico timbre.

4. A pinha se amadurece  
se oferece:  
verdes escamas  
se abrindo  
em sorriso:  
alvos dentes doces.

5. No aconchego da fruteira  
as mangas  
mudaram de redondeza.  
Em vez de galhos  
braços de louça.  
Chão sem verde a mesa  
e o teto de gesso  
céu sem azul.

Ainda bronzeadas  
trazem na pele  
rubor de aurora  
e em despedida  
murchas se engelham  
o aroma agonizante.

Porém o osso caroço  
dentro da polpa frágil  
rijo não se abate  
sabe que vai durar  
e sorri triunfante.

## FEIRA

Sobre a álaçre feira entorna-se o sol  
polindo a rubra casca das maçãs  
iluminando a prata das escamas.  
Murcham porém legumes hortaliças  
e as beterrabas saudosas da terra  
roxas ressentem-se no frio do exílio.  
E boia no olhar dos plácidos peixes  
funda nostalgia do mar perdido.  
Empilhado, humilhado num lote  
o caju bicado de passarinho  
remete à extinta glória do dia  
em que, tal estrela, pendia no ar.

## BUFFET MINIATURA

Canteiros de couve-flor orvalhados de azeite – dedos de vagens e quiabos – pulseiras de cebola brancas e roxas – azeitonas olhos negros ou verdes – batatas em montanhas de salada – lagos de molhos com flutuantes folhas – ninhos de alfafa – floresta tombada de brócolis – palmitos colunas decepadas – ovos de codorna seixos pintados – tomates esfatiados agonizando em leito de alfaces...

## METAMORFOSE

No regaço da louça  
o pêssego tão corado  
é um pequeno sol.  
Como à tentação resistirem  
os dentes famintos?  
Logo o astro se eclipsa  
pelo túnel do corpo  
e se torna baço bagaço  
no regaço de outra louça.

## DIVISÃO

Lavo panos e panelas  
o olhar buscando estrelas.  
Quero a água  
que não vem da torneira.  
Quero o fogo  
que não vem do fogão.



## GLOSANDO MINHA AVÓ

“Não, não me caem os dedos da mão”  
se esfrego nódoas no algodão  
se prego botões ou remendo rasgões  
se me calejo com rodos e vassouras  
ou esquitejo réstias de cebolas.  
Não, não me caem os dedos da mão  
se limpo cuspe, gosma de feridas  
rastros de urina, catarro nas pias  
lodo nos ralos, restos de festas  
e fezes, o lixo no saldo dos dias.  
Não, não me caem os dedos da mão  
se eles mergulham o núcleo da lama  
e o mar redentor de cloro e sabão.  
Dedos não são monopólio de cordas  
de violão e viola, nem tampouco  
das teclas de pianos e máquinas.  
Dedos não pertencem somente  
a riscos e rabiscos de canetas  
a bailados de amor e ternura  
a bofetões de incontida fúria.

Dedos não se destinam apenas  
ao requinte de merendas e rendas  
à contradaça de talheres  
à cintilação de alianças e anéis.  
Dedos foram feitos para o exercício  
do magnífico e do mínimo.  
No universo cabendo qualquer gesto  
não nos caem os dedos da mão.

## DEMOLIÇÃO

Desmorono o império doméstico  
trono onde se acasalam as coisas  
sacralizadas em hieráticos nichos.

## CICLO

- O ventre
- O berço
- O voador
- O velocípede
- A bicicleta
- A moto
- O automóvel
- A maca
- O caixão
- O chão.

## VENTILADORES

1. Múltiplas asas brancas  
voam não voam revoam  
no céu não céu da gaiola.  
Surdo zumbir de abelhas  
ou murmurar de manso mar  
o canto é puro pranto  
que na sala se espalha.  
Servil, essa ave cativa  
longe de auroras e nuvens  
nostálgica imita a brisa.
2. A libélula presa  
no vão do ventilador  
protesta contra a tarefa  
de gerar a brisa.  
Em seus ombros de pluma  
o clima pesa chumbo.

## CROCHET

Embora o sequestro das trevas  
as mãos de Dona Zinha  
estão pousadas na mesa.

Seus gestos amarrados um  
a um por nós desatam-se  
em telas de aranha  
talos  
pólen  
pétalas.

Visíveis as linhas azuis  
represam nas entrelinhas  
serões e tardes antigas.

Das linhas azul-turquesa  
brotam orquídeas – milagre  
desabrochando na mesa.

## PARQUE DOS TECIDOS

Pelo balcão da loja de tecidos  
ao feroz fio da tesoura  
entre talhos e pilhas de retalhos  
loteiam-se pomares e jardins  
de bailarinas borboletas.  
Sobre o limpo chão dos panos  
(em lotes bem-comportados  
ou despencados feito cachoeiras):  
pencas de samambaias e avencas  
ventanias e tufões de folhas  
cestas de sanguíneos morangos  
ramos de dramáticas rosas  
tufos de alegres gerânios.  
Ali na feira têxtil, mulheres  
negociam por metro no varejo  
o esplendor da primavera  
e a fartura do outono.  
Compram com a fome do belo  
nos olhos, não mais aos quilos,  
peras, maçãs, romãs, figos  
ramalhetes de cravos e violetas...

E como se fora pouco  
apropriarem-se de matas, cascatas  
do próprio arco-íris da flora,  
lançam-se também à conquista  
do azul que ninguém alcança  
porém, no cetim ali, tão à mão.  
(Nessas fazendas pequenas  
plantam sementes de ilusão.)



## RITUAL DE PARTIDA

*Para Ângela de Campos*

Enquanto me dilacero  
rasgando papéis em resmas  
mais as redes da rotina  
sibipirunas me espiam  
– pernas plantadas tranquilas –  
mas pupilas amarelas  
passeando persianas.  
Enquanto desato nós  
e arranco de mim raízes  
tropeçando nas lembranças  
sibipirunas me espiam  
livres, bagagem nenhuma  
somente a roupa do corpo  
cintilando no após chuva.  
Enquanto a casa esquitejo  
em cordilheiras de caixas  
(talvez caixões de um enterro)  
sibipirunas me espiam e espiam  
imersas na imensa paz  
de quem já transpôs o caos.

Elas me espiam e espiam  
enquanto eu, perdida,  
dedos nos ossos dos anos  
devo embalar tanta vida  
em vastos armários de ar  
(a alma, um armazém de tralhas).  
Elas me espiam e espiam  
enquanto eu, partida,  
devo ir onde sopra o vento.

## PÉRIPOLO PRÓXIMO

Entre paredes percorro o globo  
toco cubos de gelo dos polos  
molho as mãos em olhos-d'água  
a manar de fontes metálicas.  
Rejo o fogo de miúdas crateras  
sob o bojo das panelas  
de onde às vezes rolam lavas  
espessas, doces ou salgadas.  
Entre paredes percorro o globo  
mergulho num lago oblongo  
onde recendem violetas  
(colhidas em fundos de gavetas)  
onde esponja e espuma lembram o mar.  
E vou por entre taludes de livros  
e dunas de trouxas e almofadas  
e me enredo entre as vias  
lácteas de cortinas rendadas  
e me deito no vale dos lençóis  
e piso jardins nos tapetes.

Entre paredes percorro o globo  
e apalpo florestas atrás dos móveis  
e adivinho a sílica nos vidros  
e a cinza dos astros na poeira.  
Por menor que seja o percurso  
do mundo entre quatro paredes  
amor maior é o que me move.

## DANÚBIO

Em Budapeste  
na piscina do hotel  
o Danúbio me abraça  
me lambe e massageia.  
Enfim, consegue ser azul  
conforme Johann Strauss.  
Já viajou pelo vão das pontes  
e escapou à paisagem  
embrulhado em escamas  
de muitos focos de luz.  
Clandestino, veio valsar  
para o deleite dos hóspedes  
nos tépidos ladrilhos  
do salão de esportes.



The image shows a vertical strip of marbled paper with a pattern of irregular, wavy lines in shades of brown, tan, and cream. The word "JAULA" is printed in a black, serif font in the center of the strip.

JAULA





## A FERA

Braço a braço lutamos desde sempre.  
Mal o vestido de noiva despi  
e agudas garras sobre nós lançou.  
Por uma década de pura glória  
exibi meu triunfo pela casa:  
o varal embandeirado de fraldas.  
De teimosa, porém, não desistiu.  
Recusou-se a enxergar o olho da rua  
que, fula aponteí vassoura em punho.  
Fez pacto com o tempo e se acampou  
o parceiro paciente dizendo-lhe  
quem por último ri, ri bem melhor.  
Mobilizou no meio tempo dúzias  
de terríveis malandras artimanhas.  
Armadilhas armou, fez estratégias  
trocou de nome, cara, pele e trajes  
usou máscaras bárbaras e raras  
e deitou-se entre nós no vão da cama  
por breves e por longas temporadas  
até que se apossou de vez do amado  
e com a bocarra de sangue manchada  
riu e gozou com a minha solidão.

## CÃO BIFRONTE

Vens e me lambes a fronte  
e com o olhar me tateias  
azeite a se derramar  
pelas cacimbas e montes  
do corpo ao anzol do gozo  
exposto tal peixe tolo.  
Mas súbito um vulcão  
te sacode e então explodes.  
Lates, a boca arregaças  
e em mim, das garras presa  
o marfim de adagas cravas  
para que eu te reconheça.

## ONÇA SEM PELO

Não é por conta do medo  
que não encaro de frente  
essa onça sem pelo.  
Amoitada em mim  
não lhe vejo a cara.  
Só vislumbro no espelho  
o rastro das patas.  
Também a surpreendo  
oblíqua e maquilada  
em faces conhecidas  
onde risos de empréstimo  
lembram dentes protéticos  
nas bocas caricatas.  
Bem sei que essa onça  
esconsa e arredia  
ora lépida no bote  
ora lenta na agonia  
faz tranças brancas nas fronteiras  
e pergaminho nas peles.

Bem sei que essa onça  
se enjaula na caixa  
dos ossos mordendo-me  
de quando em quando os flancos  
em discretas ameaças  
ou lambendo-me as chagas  
em provisória pena  
mas, astuta, cresce à sombra  
morcegando-me o sangue  
de sede insaciável.

## CANTO DE CISNE

As cigarras serram  
toras ao sol.  
Torram as horas  
derramando alarde.  
Arrastam-se  
rasgando a seda da tarde  
escarrando ária metálica  
arranhando tímpanos.  
Ocultas nas ramas  
em histérica algazarra  
chamam a chuva que tarda.  
Desesperadas  
despedem-se pondo  
a praça em pânico.

## BICHO-DE-SETE-CABEÇAS

À medida que envelheço  
as sete cabeças do bicho  
corto. Enfim o reconheço  
íntimo de mim, meu próximo.

À medida que envelheço  
conquisto-lhe o segredo.  
Vejo a morte iniciação  
à viagem pelo avesso.

À medida que envelheço  
digo: o bicho é meu amigo.  
Não, não há porque maldar  
envenenando o sossego.

À medida que envelheço  
sinto-me remanescente  
num deserto onde tropeço  
por entre sombras de ausentes.

À medida que envelheço  
aprendo a perder o medo.  
Todo bicho fica meigo.  
É só botar no colo.

## TRÊS CAVALOS-MARINHOS

Nódoas, mágoas  
vossa persistência  
que água lava?

Caroços, remorsos  
vossas arestas  
que fogo cresta?

Medos, pesadelos  
que alavanca  
no ar vos levanta?

## NOME AOS BOIS

Vamos dar nome aos bois  
antes de nos perdermos  
pelos currais e pastos  
cerrados, ermos, gerais.  
Vamos dar nome aos bois  
e mais: vamos despir  
o lobo hóspede velhaco  
no pelo da ovelha vítima.  
Já é tempo de fazer jus  
de discernir as serpentes  
e devidamente chamá-las  
corais, cascavéis, sucurijus.  
Mas como nomear ou batizar  
os bois que não são bois?  
As inéditas e fantásticas  
bestas que infectam-infestam  
nossos prados sem cerca  
com seus anônimos tropéis  
urros e berros insólitos  
suas bostas como bólidos  
de planetas ultrarremotos?



Bois que por não serem bois  
afivelam asas de dragões  
e não consentem que palavra  
alguma lhes capture as patas  
em armadilhas de fonemas  
ou lhes curve os cangotes  
sob o cabresto de letras.  
Vamos dar nome aos bois  
e chamar os dicionários  
de burros de tão mudos  
pois as tresmalhadas manadas  
de bois que não são bois  
como vamos nomeá-las?

## BALEIA ALBINA

Pelo úmido azul  
a baleia albina baila  
e assombra  
a sala em penumbra  
barbatanas rêmiges  
a massagear  
volumosa massa d'água  
o trêmulo transparente  
corpo marinho...  
Marítima mamífera  
a espriar  
a cútis de elanca  
Enquanto as gordas vastas ancas  
nadam dançam  
se lançam  
pelos pastos salgados  
de algas e sargaços...  
Será menina  
a baleia albina?  
Será adulta  
a náufraga lua animal?  
Ou centenária  
a submarina cetácea nau?

Senhora dona do aquático sítio  
supondo-se  
solitária soberana  
desfila tranquila na líquida passarela  
e revela  
coreografia de estrela  
e solfeja  
cantiga de amor arquiantiga  
e corteja  
sem saber-se a prima-dona  
de um megaespetáculo  
sem pressentir  
a intimidade exposta  
à ribalta de mil olhos  
pelo globo em volta...  
Como o mar tão vasto  
cabe entre sofás?  
Como nos toca o mar  
se a pele não nos molha?  
À noite os gatos são pardos

À noite somos jonas e pinóquios  
acomodados na barriga da sala  
essa estranha baleia  
cujas paredes entranhas  
o oceano invade  
e lambe até tarde...  
Somos então outra casta de peixes  
pescados nas malhas  
de eletrônica rede.

## REORDENAÇÃO DO MUNDO

Ó traças,  
raça cúmplice da ruína  
com pertinácia  
rendilhareis papéis  
retidos em esquecido livro  
e fareis pó deste poema.

Ó traças,  
raça cúmplice da vida  
com perspicácia  
reconduzis páginas  
às folhas primárias.  
A terra vos louva.



# EXTRAMUROS

*Para Isabela,  
desde menina,  
a voar pelo mundo  
“vestida de andorinha”.*





## RASTROS DO PARAÍSO

Itanhaém, Itacoatiara,  
Anhangabaú, Jabaquara...

Rastros do paraíso.

Mas os pássaros e os peixes

*ubi sunt?*

Mas as flores e as frutas

*ubi sunt?*

Mas as cobras e feras

*ubi sunt?*

Os donos do paraíso partiram.

Sobrou a herança dos nomes:

moedas circulando

nas bocas mestiças

negras, brancas.

*São Paulo, 5/11/84*

## PAINAS PLUMAS

Aves no âmago dos ovos  
dormem as painas do trópico  
no cárcere dos capuchos.

Depois se desfaz o sono  
e explodem em rosas nuvens  
num abraço azul da tarde.

São outras rosas, serenas  
flutuando junto às plumas  
de cânticos em viagem.

E nevam. Nevam de leve  
roçando a tépida pele  
de setembro ardendo em febre.

## LUZIÂNIA REVISITADA

Cavalos forasteiros no asfalto  
me conduzem ao tempo do chão batido  
aos velhos becos de poças e estrume  
trinta anos atrás. Onde estão eles?  
O som do sino some estrangulado  
pelo rugido de rodas e motores.  
Cores e toques turísticos nas casas  
mascaram a bexiga do granizo.  
Procuro a imensa sombra redonda  
do tamboril reinando na praça  
a verde e colossal galinha choca  
cujas asas aninhavam meus filhos.  
Tropeço na lenha do seu esqueleto.  
A igreja, caolha sem uma torre,  
fraturou a paisagem da memória.  
Só as jabuticabeiras, olhos plurais  
desorbitados por braços e troncos,  
espiam na solidão dos quintais  
os transeuntes curiosos vasculhando  
reliquias da colônia, comprando  
as seculares caixetas de marmelada  
de remanescente quilombo.

A sorte é que ainda me lembro,  
ainda me lembro de como era antes.

## MINIATURA COLONIAL

Sobre telhas curvas  
as pombas  
pedestres  
pisam canoas de borco.

Sobre telhas curvas  
as pombas  
marinhas  
surfam ondas de oleiro.

A cinza das plumas  
mergulha  
no limo  
resíduo de chuvas.

## AURORA EM ALTO-PARAÍSO

Lúcida a manhã se debruça  
na chapada verde e azul.  
Vozes e asas rompem  
o sono das frondes.  
No chão as touceiras  
de pali palãs\*  
são miúdas estrelas  
temporãs.

*Goiás, 20/11/94*

\* Pali palã ou pelipantos: flor branca que floresce uma vez por ano na Chapada dos Veadeiros.

## NATUREZA VIVA

Cicios  
balbucios  
de bambu

Cios  
de insetos  
nos fetos

Pólens  
de pistilos  
nas pétalas.

## VELÓRIO VERMELHO

Os espatódios murchos  
miúdos bólidos  
no colo da grama.

Do precipício  
das copas florescidas  
quem impulsiona  
o salto suicida  
dos cálices?

A rotina das horas  
rola:  
os espatódios mortos  
esperam  
a chuva que sepulta  
a terra luva.

## CATEDRAL DE BAMBU

*A Lenilde de Freitas*

Conheço muitas catedrais.  
Nenhuma como essa de bambu:  
touceiras ogivas verdes  
filtram o trânsito das nuvens  
e revelam a cúpula azul  
coroando a nave.  
O vento tange órgão de folhas  
enquanto macacos acrobatas  
(bando de anjos em recreio)  
gargalham contestando Bergson.  
Deus, com certeza, está ali  
escondido no nicho das moitas  
atrás de treliças vivas.  
Ajoelho-me no altar de limo  
e arregalo os olhos do espírito.

*Parque das Águas/São Lourenço*



## POSTAIS SUL-AMERICANOS

1. Das tetas de pedra  
da mãe natureza  
o perpétuo leite  
jorra  
ferve  
e n t o r n a

*Sete Quedas, Guaíra, 27/7/81*

2. Voam as gaivotas  
de Nahuel Huapi sobre  
espelhos de ex-neve.  
Nos portais do tempo  
sobrevoam mapuches  
sobrevoam espanhóis.  
Tinta do dia e da noite  
nos arcos da plumagem  
estendem as gaivotas  
seu império de paz  
sobre pacíficos peixes  
em perene viagem.

*Bariloche, 31/7/83*

3. Praia chamalotada  
de onda e malacacheta.  
Sobre a cinza areia  
(papel de Anchieta?)  
conchas pétalas de rosa.

*Itanhaém, 8/11/84*

4. Chapada de Borborema  
imóveis nadam os peixes  
em sólido mar.  
Guelras de pedra  
sempre frescas.

*SP, 10/11/84*

5. Acácias e flambuaiãs  
proclamam a vida  
contra o luto dos prédios maias  
vestidos de lodo e limo.

*Mérida, 3/6/84*

6. O beija-flor de Nazca  
não conhece a pressa  
das efêmeras pétalas.  
O beija-flor de Nazca  
silente, sereno, namora  
sem furor as estrelas.  
Refratário às erosões  
dura o rupestre amor  
mais que o ciclo dos cometas.

*Rio, 1.º/11/85*

7. Bananeiras aos farrapos após  
a noite de raios e açoites.  
Negras cabras de ubres prenhes  
armazenam o leite do momento  
entre pedras ossos do tempo.  
Estrelas de mamona em pleno dia  
num céu ao alcance dos braços.  
E o verde vário e soberano  
reinando sobre o mormaço.

*Petropolis, 1985*

8. O chapéu das chuvas  
despenca sobre o planalto  
cobrindo as bastas cabeças  
de jamelões e mogubeiras.

*Brasília, outubro, 1992*

9. Plumas de  
    sumaúma  
uma a uma  
    juncam a rua  
miúdas nuvens  
    de bu lha das  
da altura de oculta lua  
    suam enxuta  
chuva brancura pura  
    na garupa  
escura da rua

*Parque Guinle, 2001*

## POSTAIS DE PARIS

### 1. *Luxembourg*

Pés mastigam pétalas  
na axila da primavera.  
Mas a alma grisalha  
rumina as tintas  
de estações submersas  
em íntimas ruínas.

### 2. *Rue de Longchamp*

O coração se enreda  
pelas rendas de sacadas  
onde, rubros, sorriem  
gerânios ressurretos.

### 3. *Louvre*

O visível aí está  
arestas claras  
frontes manifestas  
ombros definidos.

Porém, o que me atrai  
é o extraviado perfil  
da Vitória de Samotrácia  
os braços perdidos  
da Vênus de Milo.

#### 4. *Saint Eustache*

Quedar-se à sombra  
da fachada longa e severa  
assuntando o segredo  
armazenado nas pedras.  
Quedar-se na paz da praça  
enquanto águas cantam  
e pombas bordam a tarde  
de diáfanos fios  
bicando o vazio  
junto comigo.

#### 5. *Cluny*

A harpa gótica acorda canção  
adormecida em sono secular.

Muros esculpidos por pretéritos  
ventos e persistentes chuvas  
prestam mudo testemunho.  
Do muito que passou, o pouco que sobrou  
é relíquia milagrosa.  
Oito séculos e os versos de Chrétien de Troyes  
chegam embrulhados em pó e mistério.  
Palavras ilhas afloram  
em mar de anônimos murmúrios:  
*chastel, rose, cheval, pucelle...*  
Construo uma ponte por onde  
trôpega peregrino  
atravessando trevas medievais  
entre gradis de sonho.

6. *Parc Montsouris*

Raio raso e rente  
o trem te penetra  
rasgando a verde seda  
que te veste a pele  
alvorçando o rosto  
das rosas assustadas.

7. *Tour Eiffel*

Vertical a carcaça de metal  
do dinossauro cartesiano  
hipnotiza os turistas  
formigas no vão das vigas.

8. *La Seine*

De alma debruçada  
sobre a úmida falca  
escuto o diálogo surdo  
entre o cais e a corrente  
o que jaz e o que se desprende.  
Entre margens engessadas  
na história escrita  
ágrafas navegam  
sem âncora de memória  
as águas da vida.



9. *Montparnasse*

Nenhum beijo mais longo  
nem desejo mais contido.  
Os amantes de Brancusi  
subvertem o cemitério.  
Vivos no jazigo, invictos  
em palco de cinzas.

10. *Place Clichy*

No umbigo do mundo  
Oswald vira Pedro Álvares.  
Seus olhos livres  
veem o Brasil  
pela primeira vez.

11. *Tuileries*

No lombo do jardim  
rápidos florescem  
penachos ouro e carmim.  
Ventas o verão farejando  
cascos o chão socando

brotam os cavalos.  
Lázarus de outros séculos  
as lápides levantando  
instalam solenes  
– em ato oficial  
e pompa a Napoleão –  
a primavera animal.

12. *Bois de Boulogne*

Metais do outono:  
a cúpula de chumbo  
filtra gotículas  
de chuva prata;  
o azinhavre das árvores  
cobriu-se de ferrugem;  
sob o açoite do vento  
a ramagem esfacela  
folhas de flandre e cobre  
sobre a relva bronze.

13. *Notre Dame*

Ombros de pedra flutuam  
no fluir das eras  
fixados pelos arcos botantes  
enquanto os instantes se infiltram  
nos vitrais em primavera  
a colorir os rituais  
iluminados pelas velas da fé  
ou pela luz da razão:  
*locus* do mito e do logos.

14. *Saint-Germain-des-Prés*

A homilia da missa  
acompanha-me à mesa  
do Le Deux Magots:  
*Dieu est fragile puisque  
l'homme est fait à son image.*  
Entre a igreja e o bistrô  
o granito celebra antigos fregueses  
místicos simbolistas  
existencialistas incrédulos.  
Suas vozes desencarnadas  
arranham-me a memória.

*Mais l'homme est fragile*  
tal a chávena que se quebrou  
entornando o chá de agora  
no chão do Le Deux Magots.

15. *Musée Rodin*

Ali sob o teto azul  
e o verde piso  
o pensador medita  
o infinito além do finito.  
Seu olhar apenas roça  
o contorno da forma  
a emergir da matéria:  
escultura incompleta  
ilha cabeça do corpo  
montanha submersa.

*Paris, junho de 1995*

## ROMA SOB PÓLEN

1. No sopro do vento o pó  
navega vestindo de leve  
o amável corpo de Roma.

De mistura a cantos e aroma  
o pólen cobre as colinas  
os verdes ombros ao longe.  
Alcança cúpulas de ouro  
escadas colunas torres.

No sopro do vento o pólen  
apalpa a pele de telhas  
casas amarelo-laranja.

O pólen pousa sua nuvem  
de plumas nos pés das praças  
no colo de alvos terraços.  
Na cabeça das pessoas  
que acaricia e abraça.

A primavera, reinado  
de flor no ar, tem um jeito  
colorido de nevar.

2. Entrando no Palazzo Altemps  
dou logo de cara com  
deuses em carne e osso  
ou melhor, em mármore.  
Tão concretos que posso  
inclusive tocá-los  
sentindo a soez frieza.  
Embora o esguio pé direito  
das imponentes salas,  
parecem deslocados  
assim fora do Olimpo  
sequestrados tão perto  
entre paredes de afresco.  
Na *loggia* vizinha  
encontro os imperadores  
esculpidos em traços realistas  
cabelos talhados a estilo  
narizes reconstruídos  
por cirurgiões plásticos  
peritos na arte do gesso.  
Quem tinha sido quem  
sabe-se bem: Trajano, Nero,  
Marco Aurélio, Antonino.

Sem dúvida o cruel da visita  
é encarar os mutilados anônimos:  
decapitados, desmembrados,  
restos de um tempo sem rosto  
trastes de ignotos desastres.

3. Ó amáveis pinheiros  
pródigos produtores de sombras  
cones pinhões agulhas.  
Copas talhadas em cúpulas  
sobrepassando telhados  
torres muros colunas.  
Ramas sempre verde-escuras  
contrastando o rosa-sangue  
de crepúsculos e albas  
o azul e o cinzento típicos  
ao giro das estações.  
Hierática imobilidade  
oposta às nômades nuvens  
a vos abraçar em vôos.  
Paira entre vossas ramagens  
o segredo do triunfo:  
semeais pólen e paz  
contra ventos e vendavais.

4. Ostia fustigada  
pelo temporal  
de primavera  
reconquista a paz:  
eis a chuva reduzida  
a minúsculas poças  
debruadas de pólen.  
Altivos pinheiros  
se autocontemplam  
em líquidos espelhos  
empoados de amarelo.



*À Clara Ventura que me  
ensinou a comer pinhões*

5. Lacradas à resina  
as pinhas no pátio.  
Frutos-cones ou  
flores de madeira?  
Ao sol, as lenhas pétalas  
lentas desabroçam  
o pequenino e escuro  
armazém de pinhões.  
É quando chegam  
bicos de pássaros  
a romper os escrínios  
das miúdas amêndoas.  
Irmãos quanto à fome  
os homens competem  
com as aves e logo vão  
quebrá-las com as mãos  
a menos que a chuva  
feche os cofres à chave.

6. O poeta Murilo Mendes  
não mora mais em Roma.  
Revejo-o emoldurado  
em aristocrática, longilínea sala  
de secular austero *palazzo*  
rodeado de objetos de arte.  
Em cima de antiga mesa  
a escultura em acrílico  
esplende em forma e luz  
o leve cristal moderno.  
Lembro-lhe a conversa tensa  
durante o tradicional jantar.  
O desejo de permanecer em Roma  
na incerteza do Brasil pós-ditadura.  
Os conselhos do profundo  
conhecedor de história e arte:  
“Não deixem de ir a Siracusa  
e Taormina, toda a Magna Grécia”.

Trinta e sete anos se foram  
e a memória é redutora.  
Sobra pouco de tanta coisa.

7. Em Santa Maria del Popolo  
Caravaggio pintou  
os pilares da igreja  
fora de convenções hieráticas:  
de um lado  
São Pedro deitado na cruz  
do outro  
São Paulo a cair do cavalo.  
Nenhum na abóbada celeste  
guindado pela Graça  
a sublimes alturas.  
Ambos ao rés-do-chão  
espaço condizente a homens.

8. Rebanhos em transumância  
passam de raspão  
por vales arquetônicos  
de esculturas tapeçarias mapas.  
Pastores bilíngues  
condensam séculos  
em palavras apressadas  
e conduzem a manada  
por salas corredores escadas  
até a capela Sixtina.

Flashes teimosos  
aborrecem os guardas:  
*No photos, no videos.*  
Em pé aglomerados os animais  
gostariam de prostrar-se  
deitados na posição de Michelangelo  
ao pintar a capela. Depois, sempre  
tangidos pelo pastor, vão-se  
embora ungidos de êxtase  
como quem conseguiu ver o céu  
ao preço módico de um torcicolo.

9. *Saecula saeculorum*  
segue o Tibre seu rumo.  
Transformaram-se as margens  
mas suas águas resistem.  
Passaram por lá cavalos  
em bigas e quadrigas  
senadores cônsules césares  
papas tetrarcas ditadores.  
Passam por lá autos e motos  
moradores e turistas  
a raça humana em seus trajes.

Tranquilo arrasta-se o rio  
antigas cheias domadas  
pelo rijo travertino.  
É a mim que o Tibre agora  
inunda ao espelhar a tarde  
ébria de sol, moribunda.

10. Repousa nas vísceras da terra  
a Roma refratária ao pólen.  
(O império das trevas  
veda o acesso à primavera.  
Flores fontes grinaldas pássaros  
apenas em desbotados afrescos).  
Após o mergulho de escadas  
só a chama da fé e das velas  
ousa visitar o recôndito  
dédalo de mistérios sacros:  
aras criptas catacumbas  
enigmáticas salas cisternas  
turvos condomínios de sombras  
onde (pasmem!) a vida palpitou  
um dia e deixou escassos vestígios  
para que a imaginação se instale  
e a criatura encare a fugacidade.

11. Derramam as nespereiras  
ramos carregados de frutos.  
Por eles subo faminta  
escarpas de íngremes jardins.  
Estão distantes os pomos  
e sem vara ou escada alço  
em vão braços pra alcançá-los.  
Esplendem, porém, bem longe  
a rir da gula impotente.  
Tanto me amarga esta boca  
a desejar o impossível  
que eu Tântalo me sinto.  
Se fosse cega, imagino,  
não passaria por isto.  
Que a visão, porém, me baste.  
Nêsperas remotas, sinto,  
não cabem a meu paladar.

12. Pinheiros altíssimos  
ultrapassam colunas  
e esbanjam sombras  
sobre a eviscerada  
vila de Ostia Antica.

Heras jogam xales verdes  
nos ombros crus dos  
muros desmoronados.

Matagal e flores silvestres  
tecem tapetes nas pedras  
e se imiscuem pelos  
mosaicos incompletos  
a pavimentar veredas.

No antigo mercado  
nem mercadorias  
nem mercadores.

Palco e plateia às moscas  
no anfiteatro abandonado  
à persistência das folhas.

Casas sem portas e tetos  
abrigam por moradores  
ninhos de inseto e poeira.

Onde os ilustres donos?  
Os que sentavam nos tronos  
ou pobres, limpavam as soleiras?  
Sol e chuva apenas  
– soberanos –  
reinam sobre as ruínas.

13. Em Vila Giulia  
ao lusco-fusco do crepúsculo  
coloco no kylix etrusco  
pétalas de rosa e jasmim.  
Súbito, no vaso arcaico  
a negra palma eterna  
recolhe a hora efêmera.

14. A mulher etrusca  
busca a beleza no espelho  
e não esconde o desejo  
que nutre pelo homem.



Lado a lado senta-se com ele  
na tampa da tumba.  
Seguros miram o futuro  
oculto além-túmulo.

Raios astros e vísceras  
mostraram o mapa  
de longínqua galáxia.

Foi-se o tempo foi-se a carne  
mas o exemplo de fé  
ainda incendeia a tarde.

15. Domingo de verão  
face ao mar em Porto de Enea  
a ressurreição pagã.  
Sobre areias e dunas  
estatuária romana ao vivo:  
corpos nus de tecidos.  
Despidos da vergonha cristã.

16. Sobre o reboco  
do templo sagrado  
a grossa mão de cal  
escondeu o mundo pagão.  
Cumpria exhibir as cores  
propalar as santas dores  
da época dos mártires.

17. Os olhos lambem  
sem poder mordê-lo  
o passado em palimpsesto.  
As narinas farejam  
o presente a se mostrar:  
aroma de oleandros  
e resinas de pinheiros  
a se esvaírem no ar.

18. Lâmpadas escorraçam a noite  
com feixes luminosos  
implantando pequeno dia  
no mercado de Trajano.  
Corpos nus em bronze e pedra  
povoam as ruínas imitando  
troféus da arqueologia helênica.  
Procedem do contemporâneo atelier  
de Mitoraj na vizinha Toscana.  
Nenhuma escavação. Apenas  
o transporte e a curadoria artística.  
Africanos do Norte dançam  
e cantam em francês crioulo  
um episódio da colonização.  
Espetáculo para estudantes  
na área cultural do mercado.  
De Chicago chega-me a voz  
distante de um amigo querido.  
Vivo em Roma esse momento  
raro de mosaico mágico.  
Reparto-me em fragmentos  
vários de tempo e espaço  
recortes nítidos entre as  
imprevisíveis fronteiras.

19. Sol nenhum apaga o saldo  
ou a cicatriz da guerra.  
Longe do luto a primavera  
se enfeita de pétalas e abelhas.  
Diante do hospital, na maca  
pequeno embrulho de braços  
o homem cabeça-tronco  
contempla andanças alheias  
bailado de outros corpos  
abraços de outros braços.  
Parado na ilha da maca  
o homem cabeça-tronco  
recorda aos que passam  
soltos, livres, flexíveis  
seu desastre sem cura.  
Sua imobilidade abala  
o esplendor da primavera.  
Semeia medo no peito  
das pessoas a seu redor.  
Contudo, chega a sorrir.  
Triste flor do homem feito  
metade, aquele sorriso  
afirma a cruel vitória  
da vida sobre a catástrofe.

20. Rumor de trem atravessa  
o ventre da terra em trevas.  
Súbito, dez vagões estacam  
e na plataforma subterrânea  
um arremedo de sol ilumina  
o milenar muro romano  
junto a adventício Mac Donald's.  
É aí que as mandíbulas  
humanas de hoje mordem  
o moderno instantâneo pão  
manipulado em máquinas.  
É aí que as goelas de agora  
engolem o vinho da coca-cola  
e num só ponto dá-se o encontro  
de duas épocas bem distantes...

*Roma, maio de 2004*





# NOTA BIOGRÁFICA







*Astrid Cabral Félix de Sousa* nasceu a 25/9/36 em Manaus, AM, onde fez os primeiros estudos e integrou o movimento renovador Clube da Madrugada. Adolescente ainda transferiu-se para o Rio de Janeiro, diplomando-se em Letras Neolatinas na atual UFRJ, e mais tarde como professora de inglês pelo Ibeu. Lecionou língua e literatura no ensino médio e na Universidade de Brasília, onde integrou a

primeira turma de docentes saindo em 1966 em consequência do golpe militar. Em 1968 ingressou por concurso no Itamaraty, tendo servido como Oficial de Chancelaria em Brasília, Beirute, Rio e Chicago. Com a anistia, em 1988, foi reintegrada à UnB. Ao longo de sua vida profissional desempenhou os mais variados trabalhos, fora e dentro da área cultural. Detentora de importantes prêmios, participa de numerosas antologias no Brasil e no exterior. Colabora com assiduidade em jornais e revistas especializadas. Viúva do poeta Afonso Félix de Sousa, é mãe de cinco filhos.

## OBRAS PUBLICADAS:

*Alameda* (ficção) 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: GRD, 1963; 2.<sup>a</sup> edição. Manaus: Editora Valer, 1998.

*Ponto de cruz* (poesia). Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

*Torna-viagem* (poesia). Recife: Pirata, 1981.

*Zé Pirulito* (história infantil). Rio: Agir, 1982.

*Lição de Alice* (poesia). Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

*Visgo da terra* (poesia). Manaus: Edição Puxirum, 1986; 2.<sup>a</sup> edição in *De déu em déu*; 3.<sup>a</sup> edição: Manaus: Editora Valer, 2005.

*Rês desgarrada* (poesia). Brasília: Thesaurus, 1994.

*De déu em déu* (poesia reunida). Rio: Sette Letras/Biblioteca Nacional, 1998.

*Intramuros* (poesia). Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1998

*Rasos d'água* (poesia). 1.<sup>a</sup> edição: Manaus: Editora Valer e Governo do Amazonas, 2003; 2.<sup>a</sup> edição: Manaus: Editora Valer, 2004.

*Jaula* (poesia). 1.<sup>a</sup> edição: Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2006.

*Ante-sala* (poesia). 1.<sup>a</sup> edição: Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2007.

*Antologia pessoal* (poesia). 1.<sup>a</sup> edição: Brasília: Thesaurus, 2008.

*50 poemas escolhidos pelo autor*. 1.<sup>a</sup> edição: Rio de Janeiro: Galo Branco, 2008.

*Doigts dans l'eau* (poesia traduzida). 1.<sup>a</sup> edição: La Rochelle: Les Arêtes, 2008.

*Cage* (poesia traduzida). 1.<sup>a</sup> edição: Austin, Texas: Host Publications, 2008.



---

Este livro foi impresso em Manaus, em junho de 2011. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi OrigGarmnd BT no corpo 11. O projeto gráfico – miolo e capa – foi feito pela Valer Editora.

Trapos da noite nas pálpebras  
levo à mesa do café  
a ressaca da insônia  
e apática me defronto  
com a ágil apressada manhã  
de xícaras tilintantes.  
Que fazem aqui as laranjas  
emigradas das árvores?



**VALER**  
EDITORA

conseguia desprender-se dos galhos das árvores, com a sua prosa e a sua bela poesia impregnada dos humos do rio Negro e da argila dourada que se lança de dentro da floresta com o nome de rio Amazonas, aos encantos eternos do mar.

Depois Astrid virou o mundo em sua carreira diplomática e se especializou em teoria literária como professora de nível superior. E nunca mais abandonou a poesia, nem a poesia a abandonou. Seu aprumo técnico vai paralelo ao sopro de uma sensibilidade de escol. Possui mais de 15 livros publicados no Brasil e no exterior. É poeta em tempo integral. E dona de casa também, no velho estilo daquelas damas do passado. Tanto que ao oferecer este *Intramuros*, que sai em segunda edição ampliada com poemas novos, muitos ainda inéditos, diz a poeta:

*Àquelas companheiras  
que põem a mão na massa  
do pão e da palavra.*

Nada direi das virtudes estéticas do livro que tens em mãos, exigente leitor e querida leitora, porque a isso já se entregou Fausto Cunha no estudo da abertura da obra. O que desejo é simplesmente saudar a amiga e companheira de geração por mais esta colheita.

ELSON FARIAS

*é escritor, autor de Barro verde, Romanceiro, da série "As aventuras do Zezé na Floresta Amazônica" e ex-presidente da Academia Amazonense de Letras*